



UM OLHAR SOBRE ANA

A LOOK AT ANA

M. Terezinha Sequeto Terror¹

RESUMO: O conto “Amor”, de *Laços de família*, seguindo o padrão dos demais, tem como temática a submissão da mulher de classe média à rotina familiar, voltada ao cuidado dos filhos e marido, para ocupar o tempo e fugir de si mesma. Assim era a protagonista Ana, casada, mãe de dois filhos, com comportamento comum ao das mulheres de família, mas infeliz e frustrada. Numa tarde, foi fazer compras e ao voltar de bonde, atrapalhada ao ver um cego mascarando chiclete, desce no ponto errado e vai ao Jardim Botânico, lugar de sua epifania. Escolhe voltar para casa, sua segurança, contenta-se com a reduzida felicidade e, confortada, prossegue com a corriqueira vida.

PALAVRAS CHAVE: Clarice Lispector, Mulher, submissão.

ABSTRACT: The story "Love" from *Family Ties*, following the pattern of the other, is subject to submission of the middle-class woman to the family routine, dedicated to the care of children and husband to take the time and escape from itself. Such was the protagonist Ana, married, mother of two, with the common behavior of women of the family, but unhappy and frustrated. One afternoon, went shopping and the tram back, fumbling to see a blind man chewing gum, drops in the wrong spot and go to the Botanical Garden, a place of his epiphany. Choose to go home, your safety is satisfied with the limited happiness, and comforted, continuing with everyday life.

KEY-WORDS: “Clarice Lispector”, woman, submission.

É no conto Amor que encontramos a personagem Ana. A temática é a submissão da mulher de classe média à rotina familiar, regida pelos padrões patriarcais, segue as mesmas características dos outros contos de *Laços de família*, cuja abordagem é a constante e cansativa rotina que leva a uma automação na vida das pessoas que não conseguem prestar atenção à sua volta. O cenário para essa narrativa é, mais uma vez, montado na cidade do Rio de Janeiro, o que se comprova com a citação do Jardim Botânico, lugar que acolhera a protagonista para seu momento de epifania. O mundo da

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email – terezinhaterror@hotmail.com



personagem Ana se resume no ambiente familiar e sua falsa felicidade está em ser uma boa mãe e esposa, mulher correta e bem comportada devotada aos seus e aos afazeres domésticos, cuidando com esmero do apartamento, seu porto seguro, comprado com financiamento. O próprio nome, Ana, muito bem selecionado pela autora, em hebraico significa "pessoa benéfica, piedosa".

Porém tudo está prestes a desmoronar, a visão de um cego que mascava chicletes tem quebrado o sossego de sua vida medíocre, mas agradável. Essa quebra tem como causa simbólica a brusca freada do bonde, pois Ana é despertada de sua vida de rotinas e, sentindo-se ameaçada com a insegurança que nela se instala, tenta desesperadamente reencontrar-se e fechar-se novamente em seu interior. A utilização do olhar, aqui é colocado com o paradoxo da falta de olhar do cego que traz nela o despertar do enxergar.

Neste conto, Clarice se revelou em sua dicotomia, se colocou como Lispector, na pessoa da narradora, e Gurgel, na pessoa de Ana, uma dona-de-casa zelosa e devotada aos filhos e marido, pintando, assim, as duas Clarices que tentavam se simbiotizar, apresentando, por ela mesma, a ambigüidade na relação familiar o que nos remete também à dualidade da função do espelho, que é a de se olhar nele e a de se ver através dele, espelho esse que aparecerá no final do conto, quando Ana penteava o cabelo para dormir, apenas se olhando, pois o espelho em que se vira foi na pessoa do cego.

Ao analisar a personagem Ana, sob a perspectiva dos estudos de gênero/sexo e da literatura de autoria feminina, o que também está atrelado à história da mulher na sociedade e sua trajetória ao longo dos tempos, nos deparamos, ou melhor, nos confrontamos com várias questões existenciais, sendo que ela, ao tomar consciência do mundo em que se insere, o que a coloca como a representação da figura feminina, está em conflito consigo mesma e com o que representa para os seus e para a sociedade. Para comunicar essa crise existencial, Clarice expõe aspectos psicológicos, e, através da epifania ela dá som aos monólogos interiores da protagonista, que sofre dividida entre alegrias e frustrações, das quais tem plena consciência, motivo da dor do conflito interno.



Este conto relata a história da vida rotineira de Ana, personagem que encarna uma simples dona de casa, cuidadosa no desempenho do papel social a ela dado, contemplada pelo dom sublime de ser mãe, cuidadosa dos filhos, da casa e do marido, em ambiente que cultivava propício para manter a vida previsível e em tranquilidade. Mas, em meio aos afazeres domésticos, vivenciava momentos de desconforto, em que seu verdadeiro “eu” interior tentava lhe traír e ela, buscando um equilíbrio em tudo que vivia, lutava para abafar seus desejos e sensações, muito bem guardados em seu inconsciente, sendo-lhe eles uma ameaça de desestruturação da vida segura a qual imagina ter. "Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantava riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se.[...]" (LISPECTOR, 1998, p. 18). O maior perigo para ela era na parte da tarde, quando seu repetitivo e previsível trabalho com as tarefas da casa e o cuidado com os filhos e o marido se findam e são interrompidos no dia, esse hiato na sua rotina, até o cair da noite, quando todos de volta à casa requerem seus serviços, é seu período de ociosidade, permitindo que reflita sobre o significado de sua vida. Esse período trazia consigo o avultamento da solidão, o vazio ontológico, havia uma necessidade de precaução para que não ocorresse o encontro consigo mesma. “Força” aqui significa o seu vigor físico, já que não pode oferecer nada além de seus serviços braçais, pois a mulher não é dotada de pensamentos e bagagem cultural capazes de interessar ou de fazer intervenções, isso era reservado aos homens. Há também uma relação indireta com o dito popular “mente vazia, oficina do diabo”, que é uma referência à fé, pois a inquietação era em decorrência da ociosidade em uma determinada parte do dia e o risco era seus pensamentos que lhe traziam à mente desejos, significando anseio por liberdade. Esses pensamentos funcionam como monólogo interior, que ocorre em estado de vigília, onde se sabe o que está fazendo, sendo a epifania um caminho para que ele ocorra. Através desse processo, Ana poderia se libertar daquele mundo opressor, mas, deixar seus pensamentos emergir era o perigo, era fazer como Adão e Eva, que escolheram comer da árvore da ciência do bem e do mal e não a da vida, por isso foram condenados à morte, e, pra que isso não acontecesse com ela, metaforicamente, tinha o esquema de sair para fazer compras, um ato que lhe



tomava tempo e ajudava na fuga de si mesma. “Mas sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido.” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Em Ana, Clarice mostra as contradições e angústias de uma dona de casa, representação do estereótipo feminino, que vivia em uma época em que os valores culturais ultrapassados e estabelecidos pela sociedade patriarcal estavam ameaçados de alteração, mas ainda persistiam.

Mas há um diferencial entre Ana e as demais protagonistas claricianas, ela é atuante dentro do ambiente doméstico, tinha liberdade para sair e fazer as compras com autonomia e era considerada como gestora também, apesar de não trabalhar fora. “O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando.” (p.19), no que se percebe o verbo “estavam”, incluindo como participativa.

Para expressar o conflito da protagonista entre seu interior e o mundo externo em que vive e pactua, Clarice fez uso de metáforas, como se pode observar no trecho:

Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores, cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno dos empregados do edifício.” (LISPECTOR, 1998, p. 17-18).

Aqui o significante sementes não é usado para se referir a nenhuma planta, mas os componentes da vida tecida com a bagagem emocional e cultural que adquirira, ela só podia oferecer o que tinha, sob essa análise tomemos como simbologia a comparação da família com uma árvore, onde o tronco é o casal e os frutos, ora os galhos, são os filhos, no que surgiu inclusive a expressão árvore genealógica, símbolo da família na representação e conservação das gerações. Neste significante há também outra metáfora, a da árvore da vida, o que nos remete à Bíblia, tema sempre recorrente em seus textos. Árvore significa na Bíblia o conflito da humanidade, a vida e o conhecimento, sendo que o



conhecimento coloca o ser humano frente ao bem e o mal. E esta era a situação de Ana, antes conhecia só a vida que lhe fora oferecida, a qual julgava ter escolhido, sendo isso considerado como um avanço feminino em relação às mulheres antepassadas. Mas, ao ter despertada a consciência de si mesma e dessa vida que tinha, automaticamente toma posse do conhecimento e se depara com o bem e o mal, para esse fato Clarice cria o artifício do cego e do balanço do bonde, como causador desse despertamento, o que na verdade já estava latente nela. A identificação com o cego se deu porque Ana se viu refletida naquela imagem de pessoa limitada.

O uso de repetições é muito presente em seus textos, no que podemos observar o efeito psicológico que esse recurso tem na personagem. Esse mesmo trecho nos serve de exemplo para observar que a repetição do termo *crescia(m)* enfatiza a tediosa rotina, com uma crescente exaustão pelo aumento de tarefas no lar, em meio a outras árvores, outras famílias ao seu redor indicando que ela era apenas uma dona de casa a mais e igual. A palavra *crescia* faz referência a tudo que lhe era significativo e precioso como o marido, filhos, a fartura, bem como situações simplórias, mas que para o seu cotidiano eram significativas, como a conversa, ainda que rápida com o cobrador de luz, representando um momento em que tinha autonomia de expressar pensamentos, fugindo um pouco da mesmice das tarefas do lar, porém tudo à sua volta *crescia*, apenas ela não, denunciando assim a inferioridade da mulher.

Já no início do texto Clarice corta o enredo, recurso muito usado por Clarice para exercitar a memória e prender a atenção de quem lê. Ela apresenta Ana já em deslocamento, de volta para casa. A narrativa desse trajeto é interrompida para dar lugar à exposição detalhada de sua rotina, que é quebrada com os fatos inusitados ocorridos nesse retorno, retomando, assim, o enredo do texto que narra a história de Ana possuidora de uma típica vida de dona de casa, cuidava do marido, dos filhos e da casa, aliás há aqui um destaque no texto ao revelar que o apartamento era financiado, o sonho de toda mulher, uma casa, tinha um preço que era lembrado mês a mês, o que aumenta o seu valor. Sua vida era rotineira e calma, bem previsível, gastava suas tardes fazendo compras ou outra



atividade relacionada ao cuidado com o lar, na tentativa de fugir de si e expulsar seus pensamentos. Mas, naquela tarde, em especial, a visão do cego e o tranco que o bonde dera provocando a queda de suas compras, a deixa tão desconcertada, que desce no ponto errado, indo parar no Jardim Botânico, onde ocorre a sua epifânia. A epifania é um recurso usado como possibilidade para que a personagem Ana tenha compreensão acerca do seu papel como indivíduo. Ao se deparar com o momento epifânico, que ocorre a partir do momento em que repara em um cego no ponto do bonde, estando ela de volta à casa há poucos minutos de se resguardar segura novamente em seu lar, ela é levada a questionar os seus valores e vivenciar conflitos movidos pela culpa que sente por se deixar pensar e desejar.

Clarice faz descrições minuciosas “Era uma rua comprida com muros altos, amarelos. [...] enquanto a vida que descobrira...” (LISPECTOR, 1998, p.24). Essas descrições minuciosas mostram o despertar de Ana que passara enxergar o mundo exterior, como se estivesse fora dele. Apesar de sempre sair, naquele momento se sentiu verdadeiramente fora de casa. “Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se.” (LISPECTOR, 1998, p. 24).

No trecho “ Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo” (LISPECTOR, 1998, p. 25), percebe-se que Clarice também utilizou a natureza para provocar e perturbar a personagem que, devido ao bombardeamento de sensações que alterou-lhe os sentidos, acuada pelo medo e repulsa de si mesma, teve visões irreais, como se fossem alucinações. O jardim lhe era perturbador, lhe assombrava “A decomposição era perfumada... Um esquilo voou na sombra”. (LISPECTOR, 1998, p. 25). Diante das árvores Ana sentia uma grande emoção, via-se naqueles vegetais que davam frutos, mas também eram sugados por parasitas, o que muito lhe incomodou e causou-lhe nojo, o que se apresenta como uma metáfora representando a sua própria condição de mulher, uma árvore que dá frutos e ainda é explorada. A palavra nojo aparece por mais de uma vez, aliás, está presente em outros textos, significando repulsa de seu interior, do que



se deixara representar, provocada pela admiração do mundo externo, Em meio à turbulência de sensações, Ana se distrai tanto que perde a noção das horas e ao se lembrar da família, tenta ir embora apressadamente, mas descobre que o parque estava fechado com ela dentro, o parque aqui é a metáfora do seu inconsciente, onde se trancava e se escondia de si mesma. E a tentativa de sair, o esforço que tivera para encontrar alguém que lhe permitisse a saída, é a representação do processo interior de quebra, ruptura, que estava ocorrendo em seu interior e a sua saída do parque coincidia com a sua tomada de consciência, tornando-a livre para escolher e nesse processo de conscientização ela percebe que loucura não é um cego mascar chicletes, ele podia fazer essa escolha, loucura era a mediocridade que vivia como dona de casa se ocupando apenas das rotinas domésticas. Estar no jardim lhe causava o medo do inferno, pois o casal de Gênesis estavam bem, seguros no paraíso, no Édem, mas resolveram experimentar o conhecimento e então foi-lhes apresentado o inferno, reservado a quem praticava luxúrias da carne e pecado e o jardim faz relação com o Édem, um lugar lindo puro criado para Adão e Eva, com a família que constituiriam. Mais uma referência à religião.

Não há diálogo de Ana com ninguém durante a caminhada, a autora valoriza o mundo sensorial, sobre o qual as falas são desnecessárias e poderiam empobrecê-lo. A luta interior e de consciência que Ana enfrenta se dão no silêncio.

Quanto a interrupção do enredo, para retomá-lo à frente, temos também os ovos, “ Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho...” (LISPECTOR, 1998, p. 22), esse fato é lembrado na hora do jantar, quando essa citação a leva novamente à cena que tanto lhe perturbava, mas a despertara. “ Apesar de ter usado poucos ovos o jantar estava bom.” (LISPECTOR, 1998, p. 28). O mesmo ocorre com a citação de que o fogão no início do conto, colocando-a à primeira vista como um tópico perdido e sem significação, “ A cozinha era enfim espaçosa, o fogão, enguiçado dava estouros.” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Mas Clarice o cita de forma tão impressionante, com uma desconexão tão significativa, que o leitor se lembra da citação ao ler novamente sobre o fogão, sendo ele o elo do encontro de Ana com o marido, momento raro em que houve diálogo em discurso



direto no texto. “Se fora um estouro no fogão [...] – Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo. (LISPECTOR, 1998, p. 29).

As metáforas servem para dar som aos pensamentos de Ana, recurso também usado pelos compositores para camuflar os pensamentos de liberdade e denunciadores do governo militar opressor. Apesar de Clarice Não fazer uma escrita de engajamento, ela também denuncia sutilmente todos os valores ultrapassados, como se fizesse um convite para uma marcha de protesto, apresentando o conflito como grito por socorro e ajuda, afinal só se desperta o individual quando há o confronto com o outro, enquanto isso não aconteceu, na guerra dos sexos, a mulher continuou sendo uma a mais e igual, apenas mulher sem identidade própria.

Serve como exemplo de denúncia do conflito através de metáfora e repetição, o trecho:

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Nela havia aos poucos emergido [...]. (LISPECTOR, 1998, p. 20).

O uso da repetição impregna o texto de conotações. Com o termo “verdadeiro(s)”, há a intenção de se conformar com a vida que tinha pois era real, segura, concreta e até boa, enquanto seus desejos eram apenas sonhos de sua juventude, talvez não realizáveis, que volta e meia a assombrava e a sua exposição lhe tiraria a falsa segurança e o conforto de um lar burguês que conquistara, e, como lhe servindo de acalento, mais uma vez Ana se mostra inferior, antes estava abaixo, com o termo “emergido” ela aponta o casamento como salvação e ascensão social, o que é um discurso do patriarcado e o fato de Clarice escrevê-lo não o reforça, ao contrário, o denuncia, como o faz ao dizer “viera a cair num destino de mulher” (LISPECTOR, 1998, p. 20), ao mesmo tempo que Ana tenta se convencer de que fora uma opção de vida, ela se trai em seus pensamentos num despertar



de consciência de que não buscou ou teve outras opções, logo caíra, a representação do acaso, o que se confunde e mistura com destino de mulher. O casamento, apesar de solução, foi bem sucedido e a realizava, foi a sua opção. “ Assim ela o quisera e escolhera”. (LISPECTOR, 1998, p. 20). Ela reafirma isso várias vezes para se convencer de que não cabe mudanças, a repetição lhe soa como consolo ou justificativa “Assim ela o quisera e escolhera”. Há nessa sua vida um conflito interno, pois Ana tenta se convencer de que escolhera, mas ao mesmo tempo tem a sensação de que os padrões da vida lhe empurrara para esta escolha. Os termos “negras e suaves” do trecho “fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo.” (LISPECTOR, 1998, p. 20) expressam a ambigüidade dos seres e seus sentimentos. Suave representa a opção de Ana que escolhera ser enraizada, o verbete traz consigo doçura, segurança, calma, enquanto negras se refere ao movimento que Ana queria, sugerindo o escuro em que guardava seus pensamentos, pecado, medo, inferno.

Tal possibilidade que lhe escapa ao domínio e ao querer, causa em Ana uma grande ansiedade, devido à ambigüidade de seus sentimentos conflituosos entre sentir-se segura com o casamento idealizado, mas ao mesmo tempo infeliz com a monotonia que lhe era proporcionado, tornando-a prisioneira tanto do lar, quanto de si mesma, de quem tenta fugir, abafando a mulher de antes de se casar, que tenta se apresentar como substituta da mulher a que se transformara após o casamento. No seu íntimo sabia que era melhor não pensar sobre sua vida, pois acabaria tendo que admitir para si mesma o que sentia mas se esquivava, na tentativa de reprimir seus sentimentos que lhe vinham, à mente como fantasma. Aqui está a ambigüidade na relação familiar entre Ana e os seus, ela se apresentava a eles feliz, o que não era de todo verdade e eles não lhe perguntavam se realmente era, tecendo, assim, o jogo da farsa, que mantém de pé a instituição familiar, onde o pilar feminino deve ser forte o bastante para não se deixar ruir colocando em risco a sua sustentação. Talvez Ana se sinta assim porque se defronta com sua enorme solidão. O mesmo ocorria também com as mulheres casados do século XX, tantas Anas que conviviam com o vazio interior. Essa necessidade de Ana em se sentir enraizada, o que



representa segurança através do matrimônio, reforçando um pensamento burguês e machista, ocorre com as personagens da maioria dos contos, mas o que se pode claramente perceber é que esse enraizamento das personagens se dá em decorrência dos seus pensamentos pré-concebidos e que fazem parte da bagagem de ensinamentos oferecidos à mulher sem que a mesma tenha consciência crítica de sua validade. “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera”. (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Na verdade, Clarice coloca também como reflexão o fato de não ser a vida uma rotina, ela não é estática, por si só já tem movimento, a rotina se faz pelas próprias personagens que se enclausuram no ambiente familiar se envolvendo com as tarefas corriqueiras da casa, o que lhes dão sentimento de movimento e presteza.

Ana também se apresenta como uma mulher acovardada pelo medo, talvez do desconhecido, do não vivido, ao invés de se aceitar e tomar seus pensamentos como meio de libertar-se da mesmice na qual está condicionada.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes. (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Na passagem “O bonde se arrastava, em seguida estacava ...” (LISPECTOR, 1998, p. 20) sugere seu movimento cotidiano, é a mesma sensação do movimento de mascar . “O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir_ como se ele a tivesse insultado”. (LISPECTOR, 1998, p. 21), um movimento impensado, mecânico.

Há uma semelhança no movimento de Ana e o bonde. Assim como o bonde se arrastava ela “Andava pesadamente pela alameda central”. (LISPECTOR, 1998, p. 24). Tudo ao seu redor tinha movimento, e ela, acostumada a estar parada, parou, sentou-se



para observar o movimento à sua volta o gato, as folhas e, assim, à sombra aquietar-se e trancar-se dentro de si mesmo novamente. E, assim, observa a vida na natureza mantida pela decomposição do que parecia estar morto, mas se fazia reviver através da contribuição na manutenção da vida, servindo-lhe de nutrientes, se fazendo vida de outra forma, assim como Ana, que ao estar morta, em seu interior, se fazia viva na pessoa dos filhos e do marido, e essa consciência lhe causava nojo e prazer.

O movimento do bonde também insinua um certo erotismo, e o espaço de tempo em que aproveitaria para descansar, Ana se mostra ainda mais inquieta, provocada primeiramente por essa sensação causada pelo movimento do bonde que a levava a um balanço erótico, um movimento diferente do causado pela lida no lar. Há uma semelhança no movimento de Ana e o bonde. Assim como o bonde se arrastava, ela “Andava pesadamente pela alameda central”. (LISPECTOR, 1998, p. 24). O movimento de mastigação do cego também traz à lembrança o movimento do trem: O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir [...]. (LISPECTOR, 1998, p. 18).

E o confronto com o cego, desperta-lhe um sentimento de piedade que a princípio era pelo cego, mas que acaba percebendo ser dela mesma, pois reconhece que o sentimento que tanto a perturbava era de frustração e de não realização, sendo o cego a representação da falta de liberdade, a cegueira de Ana é opcional e ela se vê nele, contudo, no ato simples de mascar chiclete Clarice mostra a nobreza daquele ser que é capaz de ser livre naquele simples ato. Não bastasse esse confronto, mas Ana também tem sua sacola, por ela tecida, mostrando o quanto era prendada, rompida e as compras caem ao chão e, assim como não sabia o que fazer com as compras soltas no colo, não sabia também o que fazer perante sua nova consciência e concepção de mundo. Clarice faz uma enumeração de fatos, mostrando um crescente na perturbação de Ana, onde o cego, a rede, o bonde, as compras esparramadas, representam ruptura, desconstrução, que lhe provocam um despertar para a realidade.



A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido, não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçara ao redor. O mal estava feito. Porquê? Teria esquecido de que haveria cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobre aviso, tinham um ar hostil, perecível... o mundo se tornara de novo um mal-estar. (LISPECTOR, 1998, p. 21).

O cego e o bonde foram o despertar de Ana, o que ocorreu de forma brusca, ela viu o cego e se alterou, assim como a arrancada do bonde fez ruir o fio da bolsa. Há o uso sutil das palavras “num arranco” em que a conotação está presente na denotação fazendo extrapolar o texto. A rede significa a vida de Ana o fio partido “A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo.” (LISPECTOR, 1998, p. 22). Vida essa, a qual tinha a sensação de que lhe escorria pelos dedos ao ver os ovos quebrados “vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. As pessoas na rua eram periclitantes”. (LISPECTOR, 1998, p. 22) . Não são os ovos, em seu significado, importantes, mas o que eles representam, a vida quebrada que lhe escapava, assim também não era importante o rompimento da rede que tecera, mas o fio partido da vida, houve ali um hiato em sua vida, até ali tinha sido uma Ana, à partir daquele momento uma nova Ana surgia, ainda que quisesse manter sua vida como antes.

Ana representa essa mulher que ainda reforça o pensamento de que a felicidade feminina só existe se tiver um marido e filhos, mas, ao mesmo tempo ela se empresta ao leitor, permitindo que se mostre seus pensamentos íntimos, a fim de provocar uma reflexão sobre a nova mulher que estava surgindo na sociedade, cuja felicidade e alegria não estão vinculadas a essas duas situações, mas que novas possibilidades existiam e se manter aprisionada ou visitar o mundo, ainda que retorne ao lar, é uma opção que cada mulher pode fazer por si mesma.

Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes



invisíveis, que viviam como quem trabalha com persistência, continuidade, alegria. (LISPECTOR, 1998, p. 20).

E essa nova mulher poderia, sim, escolher uma vida rotineira de dona de casa, o importante é a transformação de consciência, pois esta lhe permite escolha, uma vez que há a percepção das possibilidades de viver e buscar a felicidade, além do casamento. E é essa reflexão que Clarice provoca.

Os sentimentos de Ana, a protagonista da narrativa, são carregados de contradições e ansiedades vivenciadas por ela, sendo o mundo interior o que mais tem realce. Esse paradoxo é revelado como uma descoberta, se apresentando a epifania, recurso de que se vale a autora para trazer o despertar, a descoberta. E quem lhe provoca esse despertar é um cego que mascava chicletes, de quem, a princípio, Ana se apiedava. Essas figuras, a do cego e a da mulher, delatam duas frentes de discriminação social, as quais a sociedade moderna já não poderia mais tolerar. Contudo Clarice faz um real apontamento, o de que a cegueira física do cego, a qual ele não teve opção de escolher tê-la ou não, não o impedia de caminhar por si só, mas ela, se fazia de cega e se acomodava. Ele conseguia ver o mundo externo traduzindo-o pelas suas sensações, de dentro pra fora, enquanto ela, não conseguia nem mesmo ver o mundo externo com os olhos físicos, muito menos via o seu universo interior, pois para esse é que seus olhos estavam mesmo cegos pelo seu próprio querer.

A obra de Clarice também é marcada pela união de idéias contraditórias, como se pode perceber em “... aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca” (LISPECTOR, 1998, p. 23), trecho do conto “Amor”.

Outra constante em seus contos é a personificação “Encontrava de novo os móveis empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos” (LISPECTOR, 1998, p. 21), também trecho do conto “Amor”, os móveis representando Ana arrependida. “Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. (LISPECTOR, 1998, p. 17).

A seleção de palavras para indicar, por exemplo, o quanto Ana fugia de seus sonhos e desejos, aprisionada aos afazeres e obrigações domésticas é muito expressiva. A



exemplo pode-se apontar alguns vocábulos como protegia-se, forjara, caberia, envelhecer, apaziguara, explodisse: “Protegia-se trêmula” ; “Os dias que ela forjara [...]”(LISPECTOR, 1998, p. 24); “O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo?” (LISPECTOR, 1998, p. 25). “Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse.” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Ana forjara seus dias, ela os inventara, tornara-os uma farsa, ela apaziguara, quebrantara, acalmara a própria vida, o que leva à percepção de que sempre houve uma luta interior, contudo, por mais que tivesse evitado, ela explodiu, foi despertada pelo estremecimento da vida cotidiana que tanto apaziguara.

Há uma relação entre o aparecimento do cego e a escapada da galinha em “a galinha”, em que o estremecimento da rotina e o desejo de mudá-la faz com que seja propício esses dois momentos capazes de causarem o despertar de um mundo que apodrecia, onde havia a decomposição da vida doméstica em que estavam inseridas, Ana e galinha. Outra semelhança de Ana com a galinha é serem ambas “rainhas do lar”: “De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres.” (LISPECTOR, 1998, p. 18). Assim, Ana se acomodava em ser coroada como rainha do lar, expressão popular que impõe à mulher os serviços domésticos com a falsa indicação de que isso era nobre.

A autora usa também neste texto a enumeração de adjetivos, uma das características de sua escrita, como o faz para caracterizar a vida que lhe rodeava: “Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror.” (LISPECTOR, 1998, p. 25). E no trecho “[...] era de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas.” (LISPECTOR, 1998, p. 25), Clarice mais uma vez traz à memória uma expressão popular inversa, “comer com os olhos”. Ou seja, aquilo que não era possível de se ter poderia ser comido com os olhos, com a admiração, contudo Ana tem uma experiência tão singular de contato com esse novo mundo, que ela percebe a possibilidade de se tê-lo, por isso comer com os dentes, devorá-lo

Outro recurso observado, comum à escrita de Clarice, é o discurso indireto livre, que verbaliza o monólogo interior de Ana em alguns trechos, como em: “Estou com



medo, disse sozinha na sala.” (LISPECTOR, 1998, p. 23). “A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta.” (LISPECTOR, 1998, p. 22). “Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada.” (LISPECTOR, 1998, p. 23). Tal recurso serve para enfatizar que Ana estava temerosa com a nova vida que se despontava e ela tinha poder de decidir, mas vai acabar optando pela sua antiga vida pacata e reclusa no lar.

O que desejava era como pecado perante a sociedade conservadora. Ana, então, pensa sobre qual seria sua penitência pelo que lhe ocorreria, uma referência ao tema muito presente na escrita da autora que é a religião, que também fazia coerção às mulheres, impondo-lhes dogmas pelo medo: “Seria obrigada a beijar um leproso [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 23). “Fora atingida pelo demônio da fé.” (LISPECTOR, 1998, p. 22). Nesse trecho, Clarice coloca o contraditório da fé, que muitas vezes faz seu papel inverso, funcionando como um demônio, uma vez que exerce o poder de coerção, impedindo que se faça o que se deseja em nome da fé. Ana sofre uma luta interior, dividida entre o bem e o mal, entre o gozo/inferno e anulação/ paraíso.

Em “- tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.” (LISPECTOR, 1998, p. 23), percebe-se uma angústia profunda, causada pelo processo epifânico de revelação que leva a personagem a romper com a rotina e o cotidiano. A piedade que sentia do cego era menor do que a que sentia por si mesma, motivo que também lhe causava náusea. Sua libertação é de caráter sentimental: procura, então, nessa perspectiva, solidarizar-se com uma realidade mais ampla, onde coexistem aspectos contraditórios da vida, como ocorria com o cego, cuja cegueira era física, enquanto a dela era a nível do ser, do sentir, do querer, contraposto com o poder, com o permitido. A sensação de náusea sentida pela personagem aparece de forma imprevista sem se preocupar com qualquer explicação lógica. Sua náusea, desejo de colocar algo que organicamente incomoda e deve ser posto para fora, a fim de trazer de volta a sensação de bem-estar, ocorre de forma contraditória ao normal, pois deveria ter gosto amargo, mas lhe é doce, pois, o incômodo é superado pelo prazer da descoberta. As



palavras náusea, nojo, mal-estar, aparece no texto várias vezes. Nos trechos: “e de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído em uma emboscada.” (LISPECTOR, 1998, p. 18). “Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea lhe subiu à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada.” (LISPECTOR, 1998, p. 22). Aqui náusea vem acompanhada de uma explicação que lhe provoca, que é a gravidez, neste exemplo acompanhada de abandono, sintetizando, assim, o sentimento estranho de Ana, que sentia enjôo, causado pela gravidez solitária, ou seja só ela sabia de seus pensamentos e desejos, era dela a decisão de abortá-los ou não, afinal, é como se também estivesse abandonada, o que era motivo de grande repúdio para a sociedade. Em outra passagem, enquanto observava um tronco de árvore, no Jardim Botânico, Ana tem a mesma sensação de náusea, que reflete a repulsa por si mesma, essa palavra, é a demonstração de que Clarice selecionava as palavras artesanalmente, a fim de que a linguagem fosse seu instrumento não só de escrita, mas também de causar impressões que extrapolam o texto, causando estranhamento, o que marcou seu estilo, como se percebe o contraditório no trecho: “Os troncos eram percorridos por parasitas folhuda, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante” (LISPECTOR, 1998, p. 25). Em meio a essa sensação de mal-estar ela se depara com a realidade: “Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida.” (LISPECTOR, 1998, p. 18). Passar do ponto é uma expressão popular que indica que a pessoa está envelhecida, algo que está estragado sem ter socorrido a tempo ou atrasada em algum raciocínio. Aqui, em uma das possíveis análises, Ana percebe que envelhecera precocemente, estava fora de seu tempo, reclusa na vida burguesa, onde sua família a consumia com sua autorização, a fim de que seus pensamentos e desejos fossem reprimidos. Esse foi um momento de percepção da vida insatisfatória, motivo de sua náusea amarga que se contrapõe com sua náusea doce provocada pelo encontro com o cego e a percepção do mundo fascinante fora de casa, um mundo que lhe fazia se sentir viva e rejuvenescida .



Esses exemplos, bem como em diversos outros trechos, as palavras selecionadas possuem uma carga semântica muito expressiva, construindo trechos com muita simbologia e plurissignificação, que denunciam a condição social da mulher, que através de um momento epifânico se confrontava com a possibilidade de optar por uma vida diferente, onde seus sonhos e desejos pudessem ser realizados, ao mesmo tempo que a realidade de sua vida com suas funções e responsabilidades no lar lhe causava medo e não conseguia se libertar, como se pode analisar nas palavras despedaçava, náusea, percebeu, ponto de descida

Contudo, Ana vence o conflito apesar de não se desprender da vida que mantinha, e depois de encontrar consigo mesma, sendo capaz de analisar a pessoa que se tornara, ela novamente emergi em uma nova identidade, apresentando-se como uma mulher que já podia fazer a escolha, ela já tinha opção e decide-se em dar continuidade à vida que considerava segura, na qual já se acostumara, mantendo as relações familiares conforme determinação da sociedade, não mais porque “caíra” naquela situação, mas escolhera, o que não significa que Ana não tenha sofrido mudanças, bem como os filhos e marido, ao contrário, ela já não seria mais a mesma, pois, ao assumir sua própria identidade, vencera o medo à partir do momento em que fizera a escolha e tomara consciência de seu papel como mulher na sociedade, apesar de optar pela manutenção da vida como era, a transformação ocorrida foi no interior de Ana, em sua consciência. Afinal, “O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo?” (LISPECTOR, 1998, p. 25). “Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. “(LISPECTOR, 1998, p. 24)

Mas, a lembrança das crianças é o seu resgate para a volta ao mundo real, “Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor”. (LISPECTOR, 1998, p. 25). Suas obrigações de mãe não podiam estar niveladas com os demais conceitos e valores aos quais questionava.

Os filhos eram as raízes do casamento, logo. A eles devoção, dedicação e gratidão. O sentimento de culpa e medo de decepcioná-los lhe causavam “dor”. Pela crítica



feminista vemos aqui uma mulher que tem seu papel na sociedade tão bem definido e aceito, de que a responsabilidade dos filhos é só dela e os filhos eram o equilíbrio, traziam a segurança da manutenção do casamento. “Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças.” (LISPECTOR, 1998, p. 25). A palavra pisaria, muito bem escolhida, traz uma diversidade de significados pois qualquer decisão sua poderia esmagar, destruir, humilhar os filhos, então, era preciso estar contida em si mesma e continuar sendo a mãe devota ao lar como sempre o fora.

A sua salvação eram os filhos e seu lugar de segurança e proteção de si mesma era a casa, então, outro desespero a toma de sobressalto, agora a ansiedade de retornar ao lar. “Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre”. (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Ana consegue voltar, ela decide voltar, sente necessidade de voltar, porque descobre que seus pensamentos e desejos ocultos não são mais importantes que estar com sua família. Ana representa o grupo de mulheres que, após experimentarem a liberdade da consciência, se decidem por manterem-se no papel que ocupavam sem haver mudança. Ana opta por continuar dedicando-se ao seu marido e aos seus filhos, pois ela os ama. Mas volta para o lar com um novo entendimento sobre a vida e sobre si mesma, ela mudara.

O confronto com o lar ao retornar a ele é surpreendentemente. Ana chega ainda confusa e meio fora de si. A princípio vê o filho que a abraça como a um menino distante de si e próximo só na aparência, só depois de agarrada a ele, o toma por filho, a princípio o reencontro com ele. “O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. [...] Abraçou o filho quase a ponto de machucá-lo.” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

O retorno ao lar lhe causara nojo de si mesma por amar o mundo exterior, mesmo reconhecendo ser criação de Deus como os filhos também o são, sentia que o mundo tinha que estar fora de si e de seu lar. “Ela amava o mundo, amava o que fora criado – amava com nojo.” (p.26). É um concito da sociedade patriarcal e machista, pois só ao homem é permitido desbravar o mundo, à mulher cabe-lhe apenas o ambiente do lar.



O filho sempre foi o artifício de manutenção do casamento, a razão de vida da mulher, a maternidade a fazia sublime “agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé”. (LISPECTOR, 1998, p. 26). E, temerosa de se arrepender da escolha feita, pede ao filho que faça valer a pena a sua anulação por ele, o interessante é que Ana tinha dois filhos, mas seu encontro e diálogo só se dá com um deles. Ela não teme ser ela mesma, por instantes, com o filho, “não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe”. (LISPECTOR, 1998, p. 26). Ana amava ser mãe, Clarice também, ela quisera ser mãe e dizia que se renovava neles, contudo, sua decisão fora diferente da de Ana, Clarice decide-se por separar-se, mas fica com os filhos.

Porém, o assombramento da nova mulher que se apresentava para si e para os seus causou um certo incômodo, que é indicado num jogo apenas de silêncio, onde as reações estão muito aparentes, representado pelas palavras medo, assustou, sendo que esta se repete várias vezes. Ao voltar para casa sentia que alguma coisa havia mudado dentro de si, abraçou o filho tão fortemente que o assustou e quando foi ajudar o marido quando este derrubou o café, ela também o assustou. “Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado.” (p.26). “Ele se assustou com o medo da mulher.” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Apesar da tentativa de retomar sua rotina, não conseguia estar ali como antes, suas sensações ainda a incomodava, Ao observar o, trecho “Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia seus olhos.” (LISPECTOR, 1998, p. 28), percebe-se o quanto Clarice carregava de significados implícitos na narrativa. Aqui ela expõe Ana mulher, desejosa de prazer e sensualidade, ela queria um amor ruim assim, o ruim significa pecaminoso, cheio de erotismo, sensualidade e prazer, o que era tido como imundo para as mulheres casadas e de bem, visto como prática das prostitutas. Também aparece a Ana oprimida pela cultura e pela religião, uma grande impositora de valores, ao ser humano é dado dois caminhos, o da fé que leva ao céu, e o dos prazeres terrenos e carnais que levam ao inferno, palavra esta usada no texto por mais de uma vez, mas aqui representado pelo calor do forno, que



nos remete ao fogo do inferno e até as fogueiras para as bruxas e subversivas de valores, e isso ela temia.

Para se esquivar do confronto com o outro, decide ajudar a empregada a preparar o jantar para os familiares do marido que iriam visitá-los. Precisava fazer alguma coisa para não se deixar ser levada de volta ao mundo, pois sentia um místico som do jardim Botânico seduzindo-a de volta, como o luar faz com os lobisomens, mas como era uma lenda precisava apenas controlar seu medo e deixar a noite passar. Já no jantar com a família se mantinha observadora e temerosa de que descobrissem sua mudança. “Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros...Eles rodeavam a mesa, a família”. (LISPECTOR, 1998, p. 28). Eram uma família e estavam todos orgulhosos e conformados com a escolha que fizeram de constituí-la “Felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos”. (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Após todos terem ido, as crianças dormido, os dois enfim a sós, Ana e o marido. Porém Ana se fecha em si mesma, retomando um momento de epifania a fim de processar os acontecimentos, olhando o mundo agora pela janela. Porém, Clarice a chama de volta ao mundo real, e retoma o estouro do fogão, citado com sutileza e desajeito no início do texto, para que seja o seu despertar, assim como fora o tranco do bonde, faz-s, então, a quebra do enredo, cortam-se os pensamentos e reinicia-se a narrativa da vida real. “Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! [...] Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo”. (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Há nesse trecho alteridade por parte do marido, ele tenta sondar o íntimo dela, através do medo que ela demonstra, bem como do seu rosto estranho e tenta entender seu conflito, porém não se falou nada sobre essa mudança a qual notara, não a questionou. O marido a olha “com maior atenção” e abraçou-a, atraindo-a para ele, como numa reconquista, não foi um abraço rotineiro, por cumprir obrigações conjugais. “Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago.” (p.29), ele apenas a abraçou, queria senti-la, mais que protegê-la, pois fora



despertado por ela, ele percebera que estava cego, reconheceu sua culpa. “ - Não foi nada, disse, sou um desajeitado.” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Faz-se apenas um curto diálogo carregado de ironia e ludicidade. Ela verbalizava seu afeto por ele, assim como fez com o filho, entendendo que ficara não só pelos filhos, mas também pelo marido. “Não quero que lhe aconteça nada, nunca! Disse ela. – Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Ele percebendo a mudança da mulher, também se dispôs mudar. Sob a ótica das relações de gênero/sexo, com o surgimento da nova mulher, o homem também se vê obrigado a entendê-la sem questionar e ter nova postura afim de que seja também responsável pela manutenção do relacionamento. Esse é o amor verdadeiro, o que justifica o título do texto. “ Num gesto que não era seu...” (LISPECTOR, 1998, p. 29). O marido percebera algo estranho na mulher e antes de perdê-la demonstra-lhe mudança de atitude e a leva para dormir pois o importante é que estava ali, com ele, de volta à normalidade, sendo ele o seu protetor, “Sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Antes de se deitar vai pentear-se de frente ao espelho, objeto de observação pessoal e íntima, que reflete mais que o ser exterior em sua aparência, mas é capaz de mostrar nossa alma, porém nos vemos de forma distorcida, uma imagem invertida, e, olhar-se no espelho não mais a incomodava, podia se olhar. “Agora diante do espelho”. (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Ao final do conto, Ana volta para casa, para seu marido e toda sua previsível rotina, assim como Clarice, que após escrevê-lo volta ao Rio, ambas fazem uma escolha, enquanto Ana volta para casa e o marido, Clarice opta pela Lispector e se separa do marido, sua volta é para a Pátria, para o Rio, onde estão suas raízes. O conto se tece em torno do tema central que é os sentimentos ambíguos de Ana, uma mulher que vive aprisionada pela vida doméstica, se reservando de usufruir apenas do direito lhe concedido de ser dona de casa e mãe, mas, que paradoxalmente vive insatisfeita interiormente mas



que, externamente, apesar de se mostrar tranqüila e feliz, se mostrando assim externamente, a fim de manter as aparências. Os bichos, a natureza, os sentimentos ambíguos e contraditórios de prazer e nojo vão traduzindo no texto o conflito dessa mulher, representação do feminino, que passou a vida apenas se olhando no espelho, mas que, sendo o cego a representação e personificação do espelho, à partir do qual Ana passa a se enxergar.

Assim, Clarice mostra a beleza de transformar o relato de uma simples experiência em uma grande revelação, como ocorre na trama, em que Ana diante das questões corriqueiras do seu cotidiano consegue ter revelado a ela o seu valor como mulher, num confronto de consciência e percepção da realidade. Conscientização esta que só ocorre à partir do momento em que a mulher analisa sua atuação na sociedade, sendo capaz de perceber seu papel como mulher e que as relações de gênero sustenta a dicotomia dos seres humanos, a ideia de dois, de ambos, de par ou individuais, de diferentes, de homem e mulher, livres, interagidos e ao mesmo tempo presos ao gênero/sexo enquanto distinção.

REFERÊNCIAS

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio *et al.* A personagem do romance. In:_____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CANDIDO, Antonio . No raiar de Clarice Lispector. In:_____. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas cidades Ltda, 1977.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

ECO, Umberto. ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ática, 1991.

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice uma vida que se conta*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.



KADOTA, Neiva Pitta. *A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Annablume, 2001.

VASCONCELLOS, Eliane (org.) *Inventário do arquivo Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.